

Traduzir a derrota dos sonhos: *Torto Arado*, uma viagem deslumbrante pelos sulcos abertos da América Latina¹ /

Traducir la derrota de los sueños: ‘Tortuoso arado’, un deslumbrante viaje por los surcos abiertos de América Latina

Felipe Cammaert*

Investigador do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC), Universidade de Aveiro.

 <http://orcid.org/0000-0001-6918-7473>

Recebido em: 12 de janeiro de 2022. **Aprovado em:** 16 de fevereiro de 2022.

Como citar este artigo:

CAMMAERT, Felipe. Traduzir a derrota dos sonhos: ‘Torto Arado’, uma viagem deslumbrante pelos sulcos abertos da América Latina. Tradução de PINHEIRO-MARIZ, Josilene e JUNIOR, José Veranildo Lopes da Costa. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. 1, p. 168-182, mar. 2022.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8364529>

RESUMO

Este texto comenta nomeadamente dois aspetos do romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, uma obra que fala da história de uma comunidade de trabalhadores afrodescendentes em uma fazenda do estado da Bahia. Em um primeiro momento será analisada a questão da relação entre a comunidade de Água Negra e a terra, e especificamente, as variações no sentimento de pertencimento à terra entre as diferentes gerações de quilombolas. Assim, a terra afigura-se como o elemento mais destacado desta obra, tanto no nível das implicações históricas como do ponto de vista da estrutura narrativa do romance. Em um segundo lugar, se assinalam alguns aspetos concretos relacionados com a tradução deste texto para o espanhol, insistindo nos principais desafios que surgem na transposição linguística do universo rural e místico do livro de Vieira Junior e, em particular, na escolha de privilegiar o conteúdo nuclear de alguns termos sobre o conhecimento ampliado deles.

PALAVRAS-CHAVE: Torto Arado; Itamar Vieira Junior; terra; tradução ao espanhol.

RESUMEN

Este texto comenta primariamente dos aspectos de la novela *Tortuoso arado*, de Itamar Vieira Junior, que trata de la historia de una comunidad de trabajadores afrodescendientes en una hacienda agrícola del estado de Bahia, en Brasil. En un primer momento, se analiza la cuestión de la relación entre la comunidad de Água Negra y la tierra, y en particular las variaciones del sentimiento de pertenencia a la tierra entre las generaciones de cimarrones. La tierra es, así, el elemento más destacado de esta obra, tanto a nivel de las implicaciones históricas como desde el punto de vista de la estructura narrativa. En segundo lugar, se señalan algunos aspectos concretos de la traducción de este texto al español, insistiendo en los principales desafíos que surgieron en la transposición lingüística del universo rural

¹ Este artigo foi traduzido por Josilene Pinheiro-Mariz (Professora Associada na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Endereço eletrônico: jsmariz22@hotmail.com) e José Veranildo Lopes da Costa Junior (Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Endereço eletrônico: jveranildo@hotmail.com).

*

 cammaertfelipe@ua.pt

y místico del libro de Vieira Junior, y específicamente en la elección por privilegiar el contenido nuclear de algunos términos por encima del conocimiento ampliado de los mismos.

PALAVRAS CLAVE: Tortuoso arado; Itamar Vieira Junior; tierra; traducción al español.

Queremos ser donos de nosso próprio trabalho, queremos decidir sobre o que plantar e colher além de nossos quintais. Queremos cuidar da terra onde nascemos, da terra que cresceu com o trabalho de nossas famílias. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 198)²

1 Introdução

Torto Arado (2019), primeiro romance publicado por Itamar Vieira Junior, é um livro que poderia ter sido escrito ontem, assim como há 200 anos. Há algo nesse romance que o torna uma obra atemporal, não só pelo tema que trata, mas também pela forma como Vieira Junior consegue dar aos seus personagens uma voz única que atravessa tempo e espaço. A força inerente à narração deste livro, aliada ao caráter simultaneamente local e universal dos temas que aborda, fizeram com que *Torto Arado* fosse considerado um “novo clássico” (PÚBLICO, 2019) da literatura brasileira, apesar do seu pouco tempo de vida.

Desde a sua publicação no Brasil pela editora Todavia, em 2019, à recepção da crítica geral e especializada, tem sido praticamente unânime, sem falar no sucesso de vendas (mais de 100.000 exemplares vendidos até à data, sendo um dos livros mais vendidos do ano de 2021 no Brasil). É preciso dizer que *Torto Arado* irrompeu no universo literário com a mesma discrição e humildade que caracterizam seu autor, geógrafo, funcionário do Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (INCRA) e doutor em estudos étnicos e africanos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em várias entrevistas, Itamar Vieira Junior conta como a atribuição do prêmio Leya em Portugal, em 2018, mudou completamente a sua vida. Como consequência desse reconhecimento, *Torto Arado* foi publicado inicialmente em Portugal e depois veio a edição brasileira. A este reconhecimento seguiu-se, em 2020, os prestigiados prêmios Oceanos e Jabuti que, em plena pandemia da COVID-19, contribuíram para o efeito bola de neve em torno da novela, que foi produzida sobretudo através das redes sociais. Desde a publicação do livro, Itamar

² Queremos ser los dueños de nuestro propio trabajo, queremos decidir sobre lo que queremos sembrar y cosechar más allá de nuestros huertos. Queremos cuidar la tierra en la que nacimos, esa tierra que creció gracias al trabajo de nuestras familias. (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 240).

Vieira Junior tem dedicado grande parte de seu tempo à promoção e divulgação do livro, em eventos virtuais e presenciais na Europa e América Latina.

Dada a dimensão do fenômeno literário de *Torto Arado*, as principais características que fazem deste um livro fundamental na história da literatura brasileira contemporânea já foram objeto de extensos comentários. Assim, os críticos apontaram os seguintes tópicos: a relação com a tradição do romance rural brasileiro (Amado, Guimarães Rosa etc.) que este livro renova de alguma forma; a história do desenraizamento da comunidade quilombola da Chapada Diamantina, na Bahia, um dos muitos casos que existem no Brasil; as condições de servilismo em que, ainda hoje, esses afrodescendentes trabalham a terra para os latifundiários; a dimensão política que emerge dessa história dos sem-terra, e cuja situação se agravou no Brasil de Bolsonaro. De minha parte, e como tradutor do livro para o espanhol, pela editora Planeta-Tusquets na Colômbia (2021), gostaria de focar aqui alguns aspectos específicos relacionados ao processo de tradução. Para isso, retornarei a alguns dos principais tópicos de *Torto Arado* na perspectiva da transposição linguística, na esperança de aprofundar a importância deste livro no contexto literário atual. Mas, antes disso, considero pertinente fazer referência, em um primeiro momento, a um aspecto temático que define *Torto Arado*, e cujo peso ajuda a compreender melhor o lugar que ocupa (e ocupará no futuro) na literatura latino-americana: é sobre a importância com a relação da terra para as gerações de trabalhadores negros, na história do Brasil. Estas primeiras observações, creio, servirão de base para, num segundo momento, aprofundarmos as questões de tradução.

2 Os habitantes: "Sem trabalho, a terra não é nada"?

Como afirmou Vieira Junior em várias ocasiões, a história de *Torto Arado* não é outra senão a da relação do ser humano com a terra que habita. A vida de José Alcino, mais conhecido como Zeca Chapéu Grande, e sua família na Fazenda Água Negra é, em última análise, a história de como as cidades camponesas se relacionam com o espaço circundante. A particularidade desta narrativa que engloba várias gerações é que se trata de uma comunidade de descendentes dos escravos africanos que foram levados forçados ao Brasil nos tempos coloniais, e cuja presença em terras americanas foi essencial para a conformação do que é o continente na atualidade. Em uma das muitas declarações do autor sobre este assunto, podemos ler:

O Brasil não perdeu esse status colonial, as estruturas sociais e fundiárias mantêm-se. Quando a abolição da escravatura permitiu a liberdade da população escravizada, não houve direitos para compensar essas pessoas, elas continuaram sendo exploradas. Continuamos sem uma reforma agrária eficiente, efectiva, que mude de vez a relação do Homem com a terra e a estrutura fundiária do país³ (PÚBLICO, 2019).

Itamar Vieira Junior ressalta aqui abertamente o problema do reconhecimento legal do direito à terra para estas comunidades que, por razões históricas, continuam sendo ignoradas pelos poderes estatais. Além disso, a abordagem do escritor a este tema é claramente determinada tanto pela sua experiência profissional nas zonas rurais do estado da Bahia, como pela sua formação acadêmica.

Um dos momentos mais marcantes do livro é, na minha opinião, o capítulo em que Belonísia relembra a conversa entre seu irmão Zezé e seu pai sobre as condições de vida compartilhadas pelos membros da comunidade Água Negra. O capítulo 21, intitulado *Torto Arado* começa da seguinte forma:

Um dia, meu irmão Zezé perguntou ao nosso pai o que era viver de morada. Por que não éramos também donos daquela terra, se lá havíamos nascido e trabalhado desde sempre. Por que a família Peixoto, que não morava na fazenda, era dita dona. Por que não fazíamos daquela terra nossa, já que dela vivíamos, plantávamos as sementes, colhíamos o pão. Se dali retirávamos nosso sustento (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 195)⁴.

Através da personagem da criança, Itamar Vieira Junior consegue apontar o que, a meu ver, constitui o centro do problema desenvolvido em *Torto Arado*: a forma como a condição do camponês sem-terra é percebida de forma diferente, dependendo sejam eles a primeira ou a segunda geração da comunidade de Água Negra. Enquanto para os mais velhos a consciência de pertencimento à (da) terra não é tão evidente, nos jovens essa questão aparece muito mais

³ Brasil nunca dejó atrás ese estatus colonial; las estructuras sociales y agrarias se mantienen. Cuando la abolición de la esclavitud le otorgó la libertad a la población esclavizada, a esas personas no se les reconocieron derechos, siguieron siendo explotadas. Seguimos sin tener una reforma agraria eficiente, efectiva, que cambie de una vez por todas la relación del Hombre con la tierra y con la estructura de tierras del país (PÚBLICO, 2019).

⁴ Un día, mi hermano Zezé le preguntó a mi papá qué era eso de vivir como morador, y también por qué no éramos dueños de esa tierra, siendo que allí habíamos nacido y que allí habíamos trabajado desde siempre. Que cómo así que la familia Peixoto, que no vivía en la hacienda, era la supuesta dueña de esas tierras. Que por qué nosotros no nos hacíamos dueños de esa tierra, si vivíamos de ella, si allí sembrábamos las semillas y recogíamos el cereal, si de ella era que sacábamos nuestro sustento. (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 237).

evidente. O tempo, assim como as mudanças sociais, despertam em Zezé (e nos demais jovens de sua geração) uma questão sobre os direitos de sua comunidade ao acesso à terra em que trabalham e que ocupam há gerações quase sem reconhecimento legal. A resposta de Zeca Chapéu Grande a Zezé, que de outra forma denota a paciência de um pai para com o filho, é reveladora da percepção particular da geração mais velha na terra. Zeca começa explicando o que é ser morador na realidade social brasileira: “Pedir morada é quando você não sabe para onde ir, porque não tem trabalho de onde vem. Não tem de onde tirar o sustento”. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 195)⁵. E, imediatamente, sua justificativa é reveladora da forma como sua geração se relaciona com a terra:

Trabalhe mais e pense menos. Seu olho não deve crescer para o que não é seu. [...] O documento da terra não vai lhe dar mais milho, nem feijão. Não vai botar comida na nossa mesa.” Retirou papel e fumo do bolso e começou a fazer um cigarro. “Está vendo esse mundão de terra aí? O olho cresce. O homem quer mais. Mas suas mãos não dão conta de trabalhar ela toda, dão? Você sozinho consegue trabalhar esse tarefa que a gente trabalha. Essa terra que cresce mato, que cresce a caatinga, o buriti, o dendê, não é nada sem trabalho. Não vale nada. Pode valer até para essa gente que não trabalha. Que não abre uma cova, que não sabe semear e colher. Mas para gente como a gente a terra só tem valor se tem trabalho. Sem ele a terra é nada.”» (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 196)⁶

É verdade que, ao longo do romance, o irmão mais novo das protagonistas Bibiana e Belonisia desempenha um papel relativamente discreto no livro. No entanto, nesse episódio de diálogo entre duas gerações revela a posição do trabalhador em relação à terra: se, para os mais novos, deveria haver um direito de propriedade sobre a terra explorada, para seus ancestrais a terra não é necessariamente vista como um elemento constitutivo da acumulação capitalista, mas como uma questão puramente de sobrevivência alimentar.

⁵ Cuando uno pide morada es porque uno no tiene adónde ir porque, de donde uno viene, no hay trabajo» (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 238).

⁶ “Trabaja más y piensa menos. No puedes tener ojos para lo que no es tuyo”. [...] “Los papeles de la tierra no van a darte más maíz o más frijol; no van a traer más comida a nuestra mesa”. Sacó un papel y moledura de tabaco del bolsillo y comenzó a hacer un cigarrillo. “¿Sí ves ese reguero de tierra? A los hombres se les agrandan los ojos; quieren siempre más. Pero tus manos no alcanzan para trabajar toda esa tierra, ¿o sí? Tú apenas puedes trabajar estas parcelas que nosotros trabajamos. Esta tierra en donde crece monte, crece la catinga, el moriche, la palma, no es nada sin trabajo. No vale nada. Hasta puede valer algo para esa gente que no la trabaja, que no abre un surco, que no sabe sembrar ni cosechar. Pero, para la gente como nosotros, la tierra solo tiene valor si se trabaja. Sin el trabajo, la tierra no es nada.” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 238).

O restante do capítulo acaba por esclarecer ainda mais essa oposição de visões entre gerações, que, a meu ver, se apresenta como um dos aspectos mais interessantes do problema social levantado por Itamar Vieira Junior.

Dos mais velhos ouviu os mesmos argumentos defendidos por Zeca. Dos mais novos ouviu que seus questionamentos faziam sentido, que seus pais, avós, morreram sem possuir nada. Que o único pedaço de terra a que tinham direito, de onde ninguém os tiraria, era a pequena cova da Viração” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 196)⁷.

Nesse ponto, é notória a conscientização comunitária dos jovens, segundo a qual a situação em que vivem exige o reconhecimento legal da relação de seu povo com a terra. Reconhecimento que, além disso, deve necessariamente ir além da visão rural segundo a qual a terra é lavrá-la e nela repousar eternamente. Note-se também que, no livro, a comunidade de quilombolas (ou palenqueros, como são conhecidos em algumas regiões da América Latina) protagonista dessa história leva o nome de fazenda latifundiária em que seus membros trabalham em condições não muito distantes da escravidão: Água Negra. Ou seja, a identidade dos membros dessa comunidade é definida pelo seu local de trabalho, numa clara negação de qualquer outra manifestação identitária relacionada com as suas origens étnicas, e como consequência de uma herança colonial ainda presente. Não me parece absurdo pensar que a escolha do autor do nome da fazenda seja também um aceno irônico à cor da pele de seus trabalhadores.

Assim, *Torto Arado* me aparece, sobretudo, como um romance que, além de abordar a questão do acesso à terra das comunidades afrodescendentes de uma perspectiva geral, coloca a questão da evolução intergeracional desse sentimento de pertencimento ao espaço em qual vive. Como evidenciam as palavras de Severo (marido de Bibiana) que escolhi para a epígrafe deste artigo, as novas gerações revelam uma identificação muito mais marcada em relação à terra do que as gerações anteriores. Como o autor explica no livro, isso ocorre porque:

...havia uma gratidão pela acolhida que as gerações seguintes já não tinham, talvez por terem nascido e crescido neste lugar. Os mais jovens começavam a se considerar mais donos da terra do que qualquer um daqueles que tinham seus nomes transcritos no documento... (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 197)⁸.

⁷Cuando [Zezé] habló con los más viejos, escuchó los mismos argumentos que Zeca había defendido. Cuando habló con los más jóvenes, los escuchó decir que esas preguntas tenían sentido, que sus padres y abuelos habían muerto sin nunca poseer nada. Que el único pedazo de tierra al cual tenían derecho, y de donde nadie los sacaría nunca, era la pequeña tumba de Viração. (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 239).

⁸...ellos sentían una gratitud por la manera como habían sido acogidos, gratitud que las generaciones siguientes ya no sentían, quizás porque habían nacido y crecido en ese lugar. Los más jóvenes se estaban sintiendo más dueños

Para concluir este primeiro ponto, gostaria de chamar brevemente a atenção para a importância da terra como elemento transversal do *Torto Arado*. A metáfora do arado, que dá origem ao título, é uma imagem marcante em torno da qual se articulam várias realidades associadas à trama. Em primeiro lugar, o instrumento utilizado para atravessar os campos é uma ferramenta danificada, que simboliza as tarefas cotidianas desses camponeses em terras que sofrem tanto com as secas quanto com as enchentes. Como o próprio Vieira Junior afirmou, a expressão “torto arado” foi retirada do poema Marília de Dirceu, do escritor luso-brasileiro do século XVIII Tomás Antônio Gonzaga. Assim, para a comunidade de Água Negra, o trabalho da terra é, de alguma forma, profundamente marcado por uma injustiça histórica que se perpetua há vários séculos. Mas além da ferida relacionada à ocupação do território, *Torto Arado* mergulha em outro tipo de trauma que tem a ver com a invisibilidade da palavra. A personagem de Belonísia, fadada ao silêncio, afirma sobre suas tentativas de expressar seus sentimentos por meio de palavras: “Era um arado torto, deformado, que penetrava a terra de tal forma a deixá-la infértil, destruída, dilacerada”, podemos lê-la na segunda parte do romance (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 161)⁹. Através de suas palavras ininteligíveis, a voz de Belonísia encarna a dor e o sentimento de injustiça de toda uma comunidade. “...naquela terra hostil de sol perene e chuva eventual, de maus tratos, onde gente morria sem assistência, onde vivíamos como gado, trabalhando sem ter nada em troca...” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 134)¹⁰.

Nesse sentido, a terra é o substrato no qual se congregam os principais eixos narrativos de *Torto Arado*. Além de constituir, como vimos, o tema principal do romance, a terra está presente nas áreas periféricas do texto: da epígrafe de Raduan Nassar (escritor cultuado brasileiro, admirado por Itamar Vieira Junior), à desfecho final da história, a terra é o elemento em torno do qual converge toda a história. O capítulo que encerra o romance é, nesse sentido, muito esclarecedor, pois a voz da encantada Santa Rita Pescadeira, encarnação de todas as ancestrais negras da comunidade, conta como ela ficou nos corpos das irmãs Bibiana e Belonísia para conseguir seus objetivos. Bibiana foi usada para cavar a terra com a ajuda de uma enxada:

de la tierra que cualquier otra persona que tuviera su nombre inscrito en un documento... (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 239-240).

⁹ Era como un tortuoso arado, deformado, que penetraba en la tierra de tal forma que la dejaba infértil, destruída, dilacerada. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 133)

¹⁰ ...en esa tierra hostil en donde las personas morían sin ninguna asistencia médica, en donde vivíamos como animales trabajando sin recibir nada a cambio... (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 162).

“Deslizo, como uma semente encontrando a terra arada, para o corpo de Bibiana. [...] A enxada desce sobre a cova, que ganha contornos definidos. A terra pode ser uma armadilha” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 277)¹¹, afirma a encantada. De certa forma, Bibiana seria, metaforicamente, o arado dos espíritos ancestrais, o instrumento de trabalho que, nesta ocasião, trabalhará a terra para cometer um ato de justiça social e histórica, que será executado pela outra irmã, Belonísia, cuja voz ressoará excepcionalmente como trovão ou como “o ruído de um arado arranhando a carne” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 334)¹². No final, aquela voz tão falha quanto o arado dos moradores de Água Negra se encarrega de acabar com uma história de injustiça e exploração. Ou seja, a terra é a origem e o fim dessa jornada pela história da comunidade quilombola da Chapada Diamantina.

3 Traduzir um universo local com correspondências universais

Como tradutor do livro para o espanhol, minha abordagem desta obra foi necessariamente um pouco diferente da do leitor comum. Durante meses estive profundamente imerso no universo de Água Negra; tive o privilégio de conviver, na minha cabeça, com a família do Zeca Chapéu Grande, de percorrer os caminhos da catinga, do brejo, das matas de buriti, sempre atento ao momento em que a onça aparecia na escrita e, ao mesmo tempo, atento para as manifestações da natureza da Chapada Diamantina. Da minha posição de mediador silencioso, pude assistir aos rituais do jarê e ver como os encantados cavalgavam nos corpos dos membros dessa comunidade esquecida, pertencente à ficção, mas cuja história é a de milhares de afrodescendentes no Brasil e também no mundo, como no resto da América Latina. Como acontece com qualquer tradução, durante este processo deparei-me com alguns desafios interessantes, que comentarei aqui com o objetivo de partilhar a experiência de transpor um universo local cujas correspondências me parecem, ao mesmo tempo, indubitavelmente universais.

¹¹ Como una semilla que encuentra la tierra arada, me deslizo en el cuerpo de Bibiana. [...] El azadón se hunde en la fosa, la cual adquiere poco a poco contornos definidos. La tierra puede ser una trampa» (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 333).

¹² De certa forma, Bibiana seria, metaforicamente, o arado dos espíritos ancestrais, o instrumento de trabalho que, nesta ocasião, trabalhará a terra para cometer um ato de justiça social e histórica, que será executado pela outra irmã, Belonísia, cuja voz ressoará excepcionalmente como trovão ou como “O som de um arado arranhando a carne”. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 278-279)

O primeiro aspecto tem a ver com o título do romance, que me surpreendeu desde o início, tanto do ponto de vista da sonoridade poética que contém, quanto pela força da imagem do arado defeituoso para simbolizar o destino da comunidade Água Negra. Foi, portanto, um grande desafio encontrar uma equivalência em espanhol para que a frase «Torto Arado» mantivesse as suas particularidades na língua de chegada. Como mencionei anteriormente, Itamar Vieira Junior utilizou um verso de Marília de Dirceu para o título de seu livro, cujo contexto original remete ao fato de que nem no momento da morte é possível escapar do destino, “e lhe arranca os brancos ossos/Ferro do torto arado”¹³. Em português, o adjetivo “torto” tem vários significados, dos quais destaco dois que são relevantes para os meus propósitos: por um lado, diz-se de algo (ou alguém) que não é reto, que é inclinado ou torto. Por outro lado, e num registo mais informal, este adjetivo aplica-se à pessoa que sofre de estrabismo. De fato, a edição espanhola do poema de Tomás Antônio Gonzaga (com tradução de Jorge Ruedas de la Serna) preferiu esse segundo sentido para os versos citados, optando por traduzir “ferro do arado caolho” (GONZAGA, 2002, pg. 165). Assim, no caso do poema, a imagem associada ao arado não tem a ver tanto com o seu volume e forma específicos, mas com uma qualidade ou, melhor, com um defeito, cuja representação recorre ao léxico da visão.

Não entrarei nas considerações sobre essa escolha específica para o poema de Gonzaga. Limito-me a assinalar que, no contexto do romance de Itamar Vieira Junior, é o primeiro dos sentidos que mais se adequa, como evidenciam as múltiplas alusões do livro ao velho arado defeituoso. Então, meu primeiro desafio como tradutor foi o seguinte: como transpor o adjetivo “torto” para o espanhol, levando em conta o significado original em português, bem como o som e o significado na língua de chegada? A solução mais óbvia teria sido recorrer à palavra mais comum, “torcido” (que também existe em português em sentido equivalente). Aliás, essa foi a opção do tradutor do romance para o mercado mexicano (edições Textofilia, tradução de Rafael Climent-Espino), também publicado em 2021 sob o título *Torcido arado*. Minha escolha como tradutor da edição Tusquets foi um pouco diferente, pois preferi o termo “tortuoso” para traduzir “torto”. Por quê? Por um lado, porque, do ponto de vista da sonoridade, quis evitar a aliteração em torno da sílaba “-do” (torc**ido** arado), que não existe em português. Em segundo lugar, porque “tortuoso” é sinônimo de “torcido” que, tanto em português quanto em espanhol, remete a um

¹³ Tradução de Felipe Cammaert. Na versão original, lê-se “...e lhe arranca os brancos ossos / Ferro do torto arado”.

caminho sinuoso, difícil, emaranhado e até incômodo. Assim, a escolha final (após consultar os editores de Tusquets Colombia e com o autor) foi a frase "arado tortuoso", pois, na minha opinião, é mais conveniente capturar o significado do título. Agora, pergunto-me a posteriori se, seguindo a já citada tradução do poema Marília de Dirceu de Jorge Ruedas de la Serna, outra opção viável teria sido "Tuerto arado" como título, levando em conta, por um lado, que o adjetivo "tuerto" (que vem do latim *tortus*) também significa "torcido" e, por outro lado, que em espanhol este termo é o participio passado irregular do verbo "torcer", junto com a forma regular "torcido". No entanto, considero que, dadas as peculiaridades da trama narrativa, em que um dos personagens perde a fala, a alternativa "arado de um olho", mesmo que respeitasse a tradução espanhola do poema, levaria os leitores a uma confusão desnecessária.

O segundo aspecto que gostaria de comentar aqui tem a ver com o que chamarei, para simplificar por enquanto, a dimensão mística do universo de *Torto arado*. Como se sabe, as práticas religiosas dos afrodescendentes da região da Chapada Diamantina no Brasil constituem um aspecto central do desenvolvimento da trama do romance. A relação da comunidade de Água Negra, e em particular da família do curandeiro Zeca Chapéu Grande, com o jarê é tão forte que muitos aspectos de suas vidas dependem da observância dessas crenças. Pelo que pude inferir da minha pesquisa sobre o assunto ao traduzir o livro, o jarê é uma prática religiosa específica da Chapada Diamantina ligada tanto à herança africana quanto à tradição indígena, que de outra forma não é tão popular no restante do país, como é a variante mais difundida dessa fé: o candomblé. Assim, dada a especificidade desse fenômeno, optamos por incluir na edição de Tusquets uma nota do tradutor (que reproduzo aqui na íntegra), para que o leitor latinoamericano pudesse situar o contexto dessa realidade no livro e na cultura brasileira:

O jarê é uma prática religiosa da Chapada Diamantina (BA), cuja origem está relacionada à presença de populações negras na região em decorrência da mineração durante o século XIX. Variante do candomblé, o jarê combina elementos de crenças africanas com práticas e variantes locais do catolicismo e do espiritismo. Nas festividades dessa prática sincrética, conhecidas como brincadeiras, o curandeiro ou "pai de santo" fica encarregado de orientar o modo como se alojam diversas entidades ou espíritos (chamados de "encantados"), que representam os ancestrais da comunidade no corpo de alguns dos participantes. Os encantados usam esses "filhos de santo" como "cavalos" para se manifestarem entre os presentes nas cerimônias. Dada a especificidade desse fenômeno, bem como o papel central que ocupa no desenvolvimento do enredo do romance, a presente tradução quis preservar a maioria dos termos relacionados ao universo jarê, adaptando-os ao espanhol quando este foi possível, mas sempre mantendo a particularidade dos papéis

e elementos distintivos desta prática religiosa. [N. d. T.] (VIEIRA JÚNIOR, 2021, p. 40).

Com esta nota explicativa, que aparece com as primeiras menções ao universo religioso de Água Negra, pretendia-se que os leitores do romance tivessem as informações básicas para acompanhar o desenvolvimento desse elemento ao longo do livro. Como se vê, minha escolha como tradutor não foi tanto traduzir os termos associados ao jarê, mas, sim, adaptá-los ao contexto castelhano. Com exceção da palavra "brincadeira", que se tornou "festa" na minha tradução, preferi manter não só o nome genérico desta prática religiosa, mas também as diferentes funções associadas às cerimônias (encantados, pais/filhos de santos, cavalos, etc.) que aparecem na história. Essa alternativa de adaptação linguística baseia-se no fato de que, no contexto latinoamericano, existe uma grande variedade de práticas religiosas semelhantes que podem servir de quadro de referência para o leitor do livro de Vieira Junior, apesar de nenhuma delas coincidir exatamente com o universo do jarê. Além disso, dada a proximidade entre o português e o espanhol, considereei que os leitores não teriam grandes dificuldades em se representarem as figuras do encantado, do curandeiro ou dos filhos de santo ao ler esses termos, mesmo que às vezes não haja relação de correspondência entre esses termos. noções e práticas culturais hispano-americanas afins.

Da mesma forma, tendo em conta que a terceira parte do livro é narrada pelos encantados (mais especificamente por Santa Rita Pescadeira, personificação dos espíritos no mundo terrestre), todo o léxico relacionado à dimensão religiosa no romance encontra sua justificação em a voz do espírito, encarregada de contar o desfecho da história. Por um lado, a principal função da voz dos encantados é transportar a memória coletiva do povo negro através do tempo, conseguindo assim uma coesão histórica que vai além da história particular da comunidade de Água Negra. Numa das muitas intervenções narrativas da voz de Santa Rita Pescadeira, podemos ler:

Sou uma velha encantada, muito antiga, que acompanhou esse povo desde sua chegada das Minas, do Recôncavo, da África. Talvez tenham esquecido Santa Rita Pescadeira, mas a minha memória não permite esquecer o que sofri com muita gente, fugindo de disputas de terra, da violência de homens armados, da seca. Atravessei o tempo como se caminhasse sobre as águas

de um rio bravo. A luta era desigual e o preço foi carregar a derrota dos sonhos, muitas vezes.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 225)¹⁴

«Carregar a derrota dos sonhos» é, na minha opinião, uma brilhante imagem para descrever a opressão que os afrodescendentes na América Latina tiveram que suportar durante séculos. Por outro lado, considero que as figuras dos encantados cumprem outra função importante no romance, pois encarnam a simbiose entre o reino da natureza e o mundo dos seres humanos. A Santa Rita Pescadeira é, neste sentido, a entidade que transita entre estas duas realidades, sendo ar, terra e água ao mesmo tempo. De alguma forma, acredito que, ao escrever sua história, Itamar Vieira Junior também está contribuindo para que as lutas por esses sonhos das comunidades quilombolas não acabem em fracasso, mas na reivindicação de uma memória coletiva muitas vezes esquecida.

O terceiro – e último – ponto que gostaria de abordar aqui tem a ver com questões essencialmente técnicas inerentes ao trabalho de tradução, razão pela qual os meus comentários serão relativamente breves. No entanto, considero importante registrar algumas particularidades na transposição para o espanhol do vocabulário relacionado à fauna e à flora de *Torto Arado*. Isso porque um dos aspectos mais marcantes do romance de Itamar Vieira Junior talvez seja a forma como a paisagem aparece totalmente integrada à trama narrativa. Em outras palavras, a paisagem não é apenas um elemento estético do universo de *Torto Arado*, ou seja, um cenário em que os personagens se movem, mas se apresenta como protagonista integral da história. Isso pode ser visto claramente refletido em dois aspectos discutidos acima: a estreita ligação que une a comunidade de Água Negra com a terra, bem como a personificação da natureza à frente dos encantados. Não há dúvida de que Vieira Junior, graças à sua atividade profissional e acadêmica, tem um grande conhecimento da realidade das regiões rurais do estado brasileiro da Bahia. Em seu livro ele consegue capturar com grande sucesso aquele cenário natural em que seus personagens se movem. Além disso, a área da Chapada Diamantina é um ecossistema muito particular, no qual coexistem uma fauna e uma flora diversas e às vezes endêmicas.

¹⁴ Yo soy una vieja encantada, muy antigua, que acompañó a toda esta gente desde su llegada de Minas, de Recôncavo, de África. Tal vez ellos hayan olvidado a Santa Rita Pescadeira, pero mi memoria no me deja olvidar todo lo que sufrí junto con muchas otras personas, huyendo de las disputas por la tierra, de la violencia de hombres armados, de las sequías. Atravesé el tiempo como si caminara sobre las aguas de un río bravo. La lucha siempre fue desigual y, muchas veces, el precio a pagar fue el hecho de tener que cargar la derrota de los sueños. (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 272)

Como tradutor, o desafio que me foi apresentado foi resolver como transpor os nomes de animais, plantas e fenômenos atmosféricos (entre outros) para o espanhol de forma que o leitor de língua espanhola pudesse visualizar corretamente as descrições do ambiente sem, portanto, sacrificar a especificidade desses elementos. Não entrarei em detalhes de cada uma das situações específicas que tive que resolver; direi apenas que grande parte do meu trabalho neste ponto consistiu em consultar fontes especializadas com o objetivo de identificar com precisão a fauna e a flora que o romance apresenta. Assim, a profusão de aves no livro (se não me engano, são mencionadas mais de vinte espécies diferentes de aves...) obrigou-me a mergulhar em trabalhos científicos e páginas web de ornitologia, bem como a pedir a opinião de conhecidos amantes de pássaros, a observação de pássaros (conhecidos como *birdwatchers*) para encontrar as melhores correspondências de acordo com o caso. Para citar apenas um exemplo, o muitas vezes mencionado chupim, aquele pássaro preto que ameaça incessantemente os campos da família de Zeca, aparece na versão original como "tordo-preto" no texto em espanhol, apesar de existirem outros nomes para a região (*gamusino*, *chamon*). Para este caso em particular, preferi que minha tradução contivesse uma referência à cor do pássaro, para melhor identificá-lo no contexto da história. Ao contrário, para os casos de aves como o *xanã* ou o *patu-d'água*, nenhuma das possíveis equivalências me convenceu plenamente, razão pela qual optei por manter a expressão estrangeira.

Por outro lado, como tradutor fui obrigado a visualizar – na falta de poder verificar *in loco* – e, posteriormente, a captar em espanhol, as variações atmosféricas da Chapada Diamantina ao longo do tempo, com seus períodos de chuva e extremos que determinam não só a caça e a pesca disponíveis, bem como os alimentos colhidos ou semeados, mas também a configuração dos rios. Espero, portanto, que minha versão não tenha incorrido em grandes imprecisões zoológicas e botânicas que desfiguram a paisagem da região de Água Negra. Em suma, o meu papel face às particularidades locais do universo do *Torto arado* (das crenças religiosas ao ecossistema) consistiu em privilegiar, na medida do possível, o «conteúdo central» (ECO, 2008) dos termos específicos, para em detrimento do «conhecimento alargado» (ou seja, das características científicas, que geralmente um especialista possui) destas palavras, para propor uma versão que fizesse jus à riqueza do texto original.

4 A voz do *Torto Arado*

Concluirei com uma observação sobre o capítulo 11 da terceira parte (“Rio de sangue”) do livro, cuja voz narrativa é a da encantada Santa Rita Pescadeira, e que me parece resumir, de alguma forma, o profundo significado da novela. Neste capítulo, a encantada dirige-se à Belonísia e comenta a complexa relação que existe entre o silêncio forçado desta personagem e a terra, para por fim concluir: própria voz» (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 318). Algumas linhas depois, a mulher encantada afirma sobre Belonísia: «É nesse momento que você sente e aceita que suas mãos, as mesmas que lavraram a terra de onde brota a vida, podem ser a salvação ou o fracasso de toda uma luta» (VIEIRA JÚNIOR, 2021, p. 318). O desfecho da história, na voz de Santa Rita Pescadeira, insinua que o trabalho da terra com as mãos é, também, uma manifestação das vozes abafadas dos povos negros, que poderiam vir a ser o veículo de redenção para essas comunidades.

Para além da forma como Santa Rita Pescadeira apreende – como se a cavalgasse no meio de um ritual de jarê – a voz narrativa feminina para, a partir de sua visão imaterial, anunciar o desfecho da história, o que me interessa aqui particularmente é a forma como Itamar Vieira Junior engloba a metáfora do arado em uma dimensão histórica que vai além da história específica dos quilombolas. Neste capítulo, a encantada insiste no sofrimento da jovem Belonísia diante de sua ausência de voz e, por extensão, no silenciamento histórico a que a comunidade de Água Negra foi submetida. Nesse momento, irrompe a memória do falecido pai, Zeca Chapéu Grande, mais uma vez ligada à imagem do arado:

Você recorda seu pai arrastando o arado antigo de ferro retorcido, pesado, rasgando a terra em linhas tortas. Aqueles sulcos onde lançava a semente do milho. Aquele arado sobre o qual ninguém falava, um objeto da paisagem, que chegou muito antes dos pioneiros, que ninguém sabia de onde tinha vindo, manejado pelas mãos dos trabalhadores mais antigos, dos que vieram de muito longe e sobre os quais não havia nenhuma história. Dos que abriram a mata muito antes e em suas mãos conduziram o arado para preparar o campo para a semeadura. Com suas mãos que talvez tivessem os mesmos nós, as mesmas feridas que o povo da fazenda escondia. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 264)¹⁵

¹⁵ Te acuerdas de tu papá arrastrando el viejo arado de hierro, retorcido, pesado, rasgando la tierra en líneas tortuosas. Esos mismos surcos en los que echaba las semillas de maíz. Ese arado sobre el cual nadie hablaba, un objeto del paisaje, que había llegado mucho antes de los primeros hombres negros, que nadie sabía de dónde había venido, manejado por las manos de los trabajadores más antiguos, de aquellos que vinieron de muy lejos y sobre los cuales no había ninguna historia. Con sus manos, que tal vez tuvieran los mismos nudos, las mismas heridas que la gente de la hacienda escondía. (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 317)

Por meio da referência ao instrumento trabalhista, Vieira Junior estende a perspectiva histórica em torno da colonização das terras para uma abordagem mais ampla da migração americana, que não se limita apenas à dos povos africanos. O arado é, com efeito, um objeto que foi introduzido na América pelos colonizadores europeus em terras americanas, e cuja implantação na agricultura mudou para sempre o destino do continente, segundo antropólogos e historiadores. Assim, o arado não é uma ferramenta exclusiva dos povos africanos na América, mas um artefato de origem europeia que por sua vez foi apropriado pelos quilombolas e outros camponeses dessas terras. Talvez seja nesse ponto que a dimensão universal e atemporal de *Torto Arado* se mostra mais evidente. Dimensão que, de alguma forma, tive o privilégio de transpor durante a viagem deslumbrante que me levou (para parodiar o famoso título do livro de Eduardo Galeano sobre a memória da exploração colonial) pelos sulcos abertos da América Latina.

Referências

ECO, U. *Decir casi lo mismo. Experiencias de traducción*. Barcelona: Lumen, 2008. Traducción de Helena Lozano Miralles.

GONZAGA, Tomás António. *Marília de Dirceu*. México: FCE, USP, EDUSP, 2002. Traducción de Jorge Ruedas de la Serna.

PÚBLICO, 2019. «Itamar Vieira Junior: “O Brasil nunca perdeu o status colonial”». Entrevista de José Riço Direitinho. Disponible en:

<https://www.publico.pt/2019/02/25/culturaipsilon/noticia/brasil-perdeu-status-colonial-estruturas-sociais-fundiarias-alteraram-1863210> Consultado el: 28 de diciembre de 2021.

VIEIRA JUNIOR, I. *Torto Arado*. Lisboa: Leya. 2019.

VIEIRA JUNIOR, I. *Tortuoso arado*. Bogotá: Tusquets, 2021. Traducción de Felipe Cammaert.